

## Fernando Molica

### Jorge, o santo que ficou pop

O 23 de abril, dia de São Jorge, merece ser incluído no calendário carioca de eventos. A festança ultrapassou os limites religiosos e ganhou uma dimensão capaz animar o mais obstinado dos ateus, nem que seja para comer uma das milhares de feijoadas que ocorrem na cidade.

Em algumas poucas décadas, a comemoração de características mais suburbanas se espalhou pelo Rio, conquistou adeptos, fiéis e curiosos.

Havia muito tempo que a festa ia além das igrejas católicas e de terreiros de religiões de matriz africana, São Jorge/Ogum já circulava com alvite pelas ruas. Mas é curioso como o culto se disseminou mesmo diante do crescimento de igrejas evangélicas, fenômeno que contribuiu para a diminuição do viés religioso do Réveillon nas praias e para uma queda na distribuição de doces no dia de São Cosme e São Damião.

O historiador Luiz Antonio Simas, autor de “São Jorge, o santo do povo e o povo do santo” (Planeta), diz que a violência contribuiu para a busca de proteção de um santo bom de briga, padroeiro, como resalta, da PM fluminense e do Comando Vermelho (é dura a vida de santo).

É provável que uma migração de suburbanos para Zona Sul tenha contribuído para o espalhamento do culto. É razoável pensar que a pressão de evangélicos mais radicais tenha gerado um certo movimento de união em torno do santo — nessa hora, melhor deixar de lado o padroeiro São Sebastião (retratado

triste, flechado e amarrado ao tronco) e substituí-lo pelo guerreiro que encara e mata o dragão.

São Jorge, bom de ser invocado na hora de perrenques tradicionais como pobreza, injustiça e doenças, acabou escalado também para encarar a disputa pelo espaço sagrado das ruas. O vermelho de sua capa ganhou para muitos um viés político, de luta.

O processo de transformação de São Jorge em ícone pop passa pelo reconhecimento da matriz popular da cultura que se produz na cidade; dialogar com o Rio implica homenagear essas origens. Cultuar o santo é também mostrar intimidade com a cidade que amamos. Ao longo dos séculos, o sujeito nascido lá longe, na Capadócia, virou um de nós, aprendeu a gostar de samba, de funk, de feijoada, de barulho.

Essa identificação de São Jorge com o Rio acabou servindo de barreira a uma pregação excludente, que associa santos e orixás a manifestações demoníacas: muita gente caiu do cavalo ao tentar colar no companheiro de tantas brigas um rótulo que o associa ao mal.

No livro, Simas cita um velho morador de subúrbio carioca que, numa entrevista à TV, definiu São Jorge como um vizinho a quem se recorre na hora do aperto. Talvez esta seja uma boa chave para explicar o crescimento de sua popularidade e sua resiliência. Mais do que tudo, ele é um companheiro de muito tempo. Daqueles de quem podemos até nos afastar — cada um que cuide de seus muitos dragões —, mas ninguém renega um amigo de infância.

## Rosana Valle\*

### O abismo entre quem governa e o povo

O País se viu, em plena Páscoa, em meio a manchetes e a imagens indiscutivelmente simbólicas: de um lado, a carne de paca, iguaria rara e cara, servida à mesa farta de quem governa o Brasil, sob o signo da Esquerda e em “defesa” da Justiça Social e do simples; na outra ponta, o vazio no prato de quem trabalha duro (isso quando tem ocupação laboral) e mal consegue alimentar a família e fechar as contas no fim do mês.

Não se trata, aqui, de figura de linguagem. Basta acessar jornais e portais para encontrar o óbvio escancarado: a desconexão entre o Brasil real, do povo, e o multiverso dos governantes.

É claro que há liturgias inerentes aos cargos, mas essas devem ser exercitadas tal qual o bom senso. A fatura na mesa de quem se diz representante dos menos favorecidos pode ser mal interpretada, afinal, deixando ainda mais evidente o abismo da desigualdade social.

Vamos aos fatos: num aspecto, temos o brasileiro no supermercado, tentando “multiplicar os pães”, mas se rendendo, sem escolhas, à subtração. O preço da carne subiu, nos últimos tempos, ao passo em que outros alimentos da cesta básica pressionam o orçamento. Logo, a substituição de itens virou rotina. Muita gente já não compra o que gostaria, ou o que precisa, mas, sim, o que cabe no bolso - isso, quando compra!

Do outro lado, a primeira-dama do Brasil, Rosângela Lula da Silva, a Janja (PT), exhibe nas redes sociais um almoço de domingo pascal com paca - roedor silvestre nativo das Américas, que gera de um a dois filhotes por gestação e se reproduz, apenas, uma ou duas vezes ao ano. Essa baixa taxa reprodutiva da espécie impede sua produção em escala industrial, diferentemente do que ocorre com bovinos, suínos e aves. O crescimento lento deste animal também mantém a carne escassa no mercado. Logo, o quilo sai, em média, R\$ 300.

O alto custo é resultado da combinação de pequena oferta e demanda de nicho. Com restrição na produção, esta carne se torna produto voltado a circuitos gastronômicos seletivos, incluindo, ao que vimos, a mesa

do atual presidente da República.

A crítica não é sobre o prato em si. É sobre o que ele simboliza: a distância abismal entre quem decide os rumos de uma nação e quem vive, de fato, as consequências dessas decisões.

E as recentes manchetes seguem causando assombro. Vejamos: numa nação com recorde de feminicídios, informa-se que os recursos destinados ao combate à violência contra a mulher não são plenamente executados — a aplicação não chega a 15% do total autorizado.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo, cresce o gasto com Publicidade institucional por parte da União. Então, falta dinheiro para proteger as brasileiras, mas sobra para fazer propaganda? Ao meu juízo, essa escolha fala por si.

Não são fatos isolados. O que se delineia, ao que parece, é um padrão. A régua não é a mesma para todo mundo. O peso das deliberações no Brasil varia, seguindo a expressão popular, “ao gosto do freguês”. Ou seria ao gosto dos amigos, dos parceiros, dos aliados, dos companheiros? Enquanto isso, a percepção de Justiça se desgasta.

Quando a concretude econômica não dialoga com o discurso oficial, quando o planejamento financeiro ignora prioridades evidentes e quando decisões institucionais levantam dúvidas legítimas, o problema deixa de ser ideológico - torna-se estrutural. Passa a ser uma questão de coerência.

O Brasil não precisa de mais narrativa. Precisa de conexão com a vida real. Porque, quem está na ponta não se abatece de discurso, mas, sim, de salário, de mercado, de escolhas difíceis, todos os dias. E, quando quem governa perde essa referência, o distanciamento deixa de ser simbólico — torna-se concreto.

As respostas não estão escondidas. Estão nos títulos dos jornais e dos portais, nas redes sociais e no desânimo das ruas, para quem quiser ver. E, neste momento, ligar os pontos deixou de ser escolha. É necessidade.

**\*Deputada federal pelo PL-SP; presidente da Executiva Estadual do PL Mulher de São Paulo; jornalista há mais de 25 anos**

## EDITORIAL

### Pressão na saúde expõe falhas em Campinas

A crise na rede pública de saúde de Campinas deixou de ser um alerta pontual para se consolidar como um problema estrutural. Os sinais estão em diferentes frentes: hospitais operando acima da capacidade, unidades básicas sobrecarregadas, falta de medicamentos e interrupções de serviços essenciais. O resultado é um sistema que funciona no limite e, em alguns casos, além dele.

A situação recente do Hospital PUC-Campinas, com superlotação de 360% e restrição no recebimento de novos pacientes, é apenas a face mais visível de um cenário mais amplo. O Hospital de Clínicas da Unicamp acumula déficit milionário após meses sem repasses estaduais, enquanto a Rede Mário Gatti opera próxima da capacidade máxima e chegou a ter leitos indisponíveis por questões sanitárias. Na atenção básica, faltam profissionais, insumos e condições adequadas de funcionamento.

Não se trata de um colapso repentino, mas de um processo que vem sendo construído ao longo do tempo. A combinação de aumento da demanda, subfinanciamento e falhas de gestão expõe fragilidades que já eram conhecidas, mas que não foram enfrentadas

com a urgência necessária.

Tanto o governo estadual quanto a administração municipal têm anunciado medidas e investimentos, muitos deles voltados à ampliação da capacidade e à reorganização da rede. No entanto, são ações cujos efeitos tendem a aparecer no médio e longo prazo. O que se vê hoje é que essas iniciativas, embora importantes, não foram suficientes para prevenir o agravamento da situação atual.

A consequência recai diretamente sobre a população, que enfrenta filas, demora no atendimento e dificuldade de acesso a serviços básicos. Também atinge os profissionais de saúde, submetidos a condições de trabalho cada vez mais pressionadas.

Diante desse quadro, é necessário ir além de respostas emergenciais. A crise expõe a necessidade de planejamento integrado entre município e estado, com financiamento adequado, gestão eficiente e medidas que antecipem cenários de pressão sobre o sistema.

Sem isso, episódios como os registrados nas últimas semanas tendem a se repetir, deixando claro que o problema não é apenas de demanda, mas de estrutura.

## Opinião do leitor

### Prejuízos nos Correios

No governo Bolsonaro, os Correios tiveram lucros de R\$ 5,1 bilhões, R\$ 3,7 bilhões e prejuízo de R\$ 809 milhões. Infelizmente, usou os seus recursos para financiar shows de diversos cantores, fazendo propaganda do Governo. Atualmente, tem um prejuízo de R\$ 8,5 bilhões. É uma lástima, que uma empresa com grande credibilidade termine dessa maneira.

*Luiz Felipe Schittini  
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro*

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.